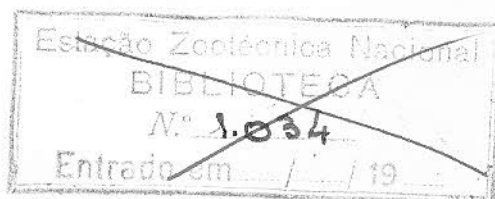
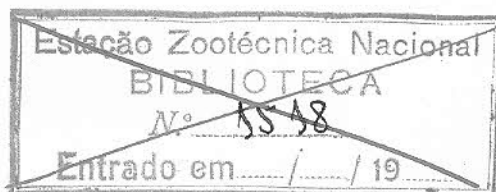


# BOLETIM PECUÁRIO



## INTENDÊNCIA DE PECUÁRIA DE CASTELO BRANCO

Neste momento de grande conturbação, em que os barcos não podem sulcar os mares livremente por sujeição de um bloqueio impiedoso, vêem-se os povos, entre os quais o nosso, a braços com um problema de difícil solução — bastarem-se, exclusivamente ou quási, com o que as suas terras produzem.

Nada portanto mais oportuno e mais necessário que um inventário geral de gados e animais de capoeira, para saber em que posição nos encontramos e para onde caminhamos, porque é sem dúvida dêste importantíssimo sector da vida nacional, que muito há a esperar para assegurar o nosso sustento, preocupação máxima dos governantes em tempo de guerras e bloqueios.

Mas nem por isso, nem por sabermos que habitamos um país fatalmente agrícola, onde a indústria escasseia, nos temos apoiado numa exploração armentosa desenvolvida, fulcro, quanto a nós, de uma florescente agricultura.

Não será apenas à custa da importação de grandes quantidades de adubos químicos, que nos leva a uma sangria pouco saudável, que conseguiremos ver resolvido o nosso problema agrícola, por não ser possível levar por êste processo as nossas terras fracas a produzirem muito, ao menos o bastante.

Procuremos dispensar maior cuidado à exploração dos gados, porque é dêles que há-de provir o principal e mais poderoso fertilizante das nossas terras, além dos inúmeros produtos que nos fornecem e ocupam lugar na primeira fila das necessidades nacionais, como sejam a carne, o leite e laticínios, os ovos, as gorduras, as peles, a lã, o trabalho, etc., etc.

Sendo assim, não se compreende muito bem que haja ainda hoje no país quem veja com agrado a substituição do motor de sangue, que produzimos e nos dá uma infinidade de produtos, por uma máquina que importamos, que só consome produtos importados e da qual nada se aproveita do que elimina.

O médico veterinário, que tem uma cultura geral e profissional em nada inferior à dos componentes de qualquer outra profissão, está por isso apto a entrar francamente no concêrto económico da Nação, não alienando de boa mente a quota parte que lhe compete nos bons destinos do interêsse geral.

Se alguém ainda hoje deixa por vezes antever que o médico veterinário pertence a uma profissão mais especializada, certamente para as doenças dos animais,

é porque não afere ou não conhece bem a cultura geral nem os seus vastos conhecimentos em todos os ramos da sua profissão.

E disto virá tóda uma confusão com que o País só terá perdido e continuará a perder, se as coisas não forem a breve trecho devidamente esclarecidas.

A criação de partidos veterinários num grande número de concelhos e a luta que temos sustentado contra as zoonoses mais mortíferas, constituem pilares indestrutíveis no progresso da animalicultura.

Outras medidas de carácter higiénico e social têm sido postas em prática, como a *Campanha da profilaxia da tuberculose bovina*, serviço do mais elevado valor por estar demasiadamente averiguado que a tuberculose daquela espécie animal se propaga ao Homem com a maior frequência.

No campo puramente zootécnico muito se tem feito também, e mais do que muita gente julga. Ocorre-nos, por exemplo, dizer que em 1932, quando fomos colocados na Intendência de Pecuária do distrito da Guarda, não havia ali o menor interesse pelo melhoramento do gado bovino e só um ou outro exemplar poderia merecer a nossa atenção, o que não acontece hoje, em que os júris dos concursos realizados no Jarmelo se vêem cada vez mais embaraçados para fazer uma justa classificação, dada a afluência cada vez maior de muito bons exemplares.

E isto, é bom dizer-se, devido exclusivamente à acção da Direcção Geral dos Serviços Pecuários.

Mas não há dúvida que ainda se não fez tudo, o bastante para podermos dizer que atingimos o que a vida da Nação exige da nossa parte. É preciso produzir mais, melhor e quanto antes; e isto só se conseguirá com uma série de medidas que escusamos de enumerar, porque nos afastaríamos da índole dêste trabalho.

No entanto não será talvez descabido frisar bem a necessidade de prover de veterinários municipais todos os concelhos do País, visto a sua acção em prol da riqueza pecuária ter provado tão bem naqueles onde já existem.

Mas não basta só prover tais lugares. É preciso que êsses técnicos façam parte de um quadro especial da Direcção Geral dos Serviços Pecuários, porque só assim será possível o seu máximo aproveitamento no sentido da inteira utilidade para o País.

Outra medida que se impõe como de necessidade urgente, se não quisermos ver perdido de um momento para o outro todo um bom trabalho produzido até hoje na defesa sanitária dos nossos gados, é a regulamentação do comércio dos produtos imunizantes, sobretudo dos virulentos.

Os laboratórios fornecem hoje a tóda a gente, sem a menor restrição, vacinas do carbúnculo, da peste suína, do mal rubro, etc., donde advém tóda uma série de inconvenientes que prejudica sobremaneira a criação dos gados.

Manobrados por curiosos em intempestivas intervenções, tais produtos têm levado ao aparecimento de terríveis focos de doenças e à dizimação completa de alguns rebanhos.

No estado actual das coisas e num País que últimamente tem procurado eliminar tudo quanto de mau o assoberbava, tal não é de admitir em orientação aos bons princípios nem de consentir que a sanidade dos nossos gados seja afectada por criminosas intervenções de empíricos e leigos, quando é certo que já existem técnicos mais que suficientes para proceder a tal serviço.

O que se está ainda agora consentindo, fora absolutamente criminoso, leva ao cometimento de irregularidades que o nosso Regulamento Geral de Saúde Pecuária, pelo espírito e pela letra, de todo condena.

De muitas outras medidas se carece para o desenvolvimento e melhoramento da indústria pecuária, mas, para não fugir ao que atrás disse, apenas citaremos mais duas: a da inspecção de todos os reprodutores, quer se destinem ou não aos postos de reprodução, e a da subordinação do criador aos interesses da grei.

Recorrendo a tudo e eliminando de vez as causas que neste campo têm por vezes perturbado o sossêgo tão necessário a quem deseja produzir trabalho de valor, talvez seja possível singrar direito na rota espinhosa do fomento pecuário português.

## OS TRABALHOS DE MANIFESTO

Se nalguns concelhos, como nos de Castelo Branco e Covilhã, os trabalhos de arrolamento não decorreram por forma a satisfazer-nos plenamente dada a grande diminuição de declarantes em relação a 1934, também é certo que noutros o bom êxito foi além da nossa expectativa.

De um modo geral tôdas as autoridades administrativas nos prestaram o melhor auxílio, mas cumpre salientar as dos concelhos de Proença-a-Nova, Vila Velha de Ródão e Fundão pela forma impecável como souberam orientar todos os serviços de manifesto, levando aos resultados mais satisfatórios.

Demais, tôdas aquelas a que nos dirigimos, se mostraram cheias da melhor vontade em prestarem o seu auxílio, merecendo justa referênciã as de Vila de Rei, Oleiros, Castelo Branco, Penamacor e Belmonte. Da nossa acção junto das autoridades dêstes cinco concelhos resultou a remessa de mais 400 declarações.

Só os regedores das freguesias de Aldeia do Carvalho e Sobral de Casegas, do concelho da Covilhã, é que mencionaram transgressões ao edital sôbre o arrolamento, cujas notas foram remetidas ao tribunal competente.

O preenchimento das declarações nem sempre foi perfeito, sobretudo quanto aos ovinos, em que foi manifesta a confusão entre *churros* e *não churros*.

Os melhores obreiros dos elementos a colher em cada uma das freguesias serão sempre, sem dúvida, os párocos e os regedores, porque, desde que uns e outros se não interessem a valer, é sabido que os resultados nunca serão de moldê a satisfazer plenamente.

O nosso regedor é em geral pouco solícito, porque, diz êle, nada lhe pagam, pelas mil e uma maçadas com que a miúde o atormentam.

Daí numa ou noutra freguesia onde êsse representante da autoridade era mais negligente e adverso a coisas que diz «não saber para que servem», os resultados não serem a expressão da verdade.

E quanto maior e mais culto o meio, menos probabilidades de colher elementos certos, porque o regedor perde o contacto com os habitantes da freguesia e o pároco evita, quanto possível, referir-se a assuntos estranhos à religiã.

Disto é prova evidente a grande diminuição de manifestantes averiguada nas cidades de Castelo Branco e Covilhã e nas vilas e aldeias mais populosas.

Os párcos, de um modo geral, foram óptimos auxiliares, porque no acto da missa conventual fizeram sempre sentir aos seus paroquianos a obrigação e a necessidade de preencherem o manifesto, pois nenhum mal daí lhes adviria, ao contrário se o não fizessem.

Do auxilio prestado pelos professores primários só bem há a dizer; mas, como lidam quasi exclusivamente com crianças, da sua acção pouco proveito resultou.

Os veterinários municipais mostraram, de uma maneira geral, certo interesse pelo bom êxito do arrolamento adentro das suas áreas, mas, diga-se sinceramente, dada a importância do trabalho, alguns podiam e deviam ter-se esforçado um pouco mais.

É bom aqui salientar a eficiente acção do veterinário municipal do Fundão, que muito concorreu para os belos resultados colhidos na área da sua jurisdição.

Se os veterinários municipais estivessem totalmente subordinados à Direcção Geral dos Serviços Pecuários o rendimento do seu trabalho seria por certo mais valioso, porque o ambiente era bem diferente, mais propício, e haveria o devido estímulo para os que se dedicassem com vontade e acerto aos serviços a seu cargo.

Como as coisas hoje se encontram, nunca será possível obter da sua acção todo o rendimento que dela se pode esperar.

Finalmente, o mapa a seguir, do qual consta o número de declarantes em 1934 e em 1940, regista as diferenças para mais e para menos nos diversos concelhos.

CONCELHOS	MANIFESTANTES		DIFERENÇAS	
	1934	1940	Para mais	Para menos
<b>Distrito . . . . .</b>	<b>44.053</b>	<b>43.213</b>		<b>840</b>
Belmonte . . . . .	1.427	1.169		258
Castelo Branco . . . . .	9.809	8.638		1.171
Covilhã . . . . .	6.635	5.816		819
Fundão . . . . .	6.626	7.296	670	
Idanha-a-Nova . . . . .	5.831	5.800		31
Oleiros . . . . .	2.077	1.843		234
Penamacor . . . . .	3.170	2.985		185
Proença-a-Nova . . . . .	2.406	2.775	369	
Sertã . . . . .	3.103	3.487	384	
Vila de Rei . . . . .	1.122	1.473	351	
Vila Velha de Ródão . . . . .	1.847	1.931	84	

**Diferenças para menos** — Os concelhos onde estas diferenças se registaram, foram, por ordem decrescente, Castelo Branco, Covilhã, Belmonte, Oleiros, Penamacor e Idanha-a-Nova.

A diminuição do número de manifestantes nos quatro primeiros resultou so-

bretudo da forma como ali se encarou o fim do arrolamento e não porque houvesse menos boa vontade das autoridades administrativas.

Um ou outro pequeno proprietário, por falsa compreensão e receio de futuros impostos, furtou-se a manifestar os seus animais.

A propósito devemos citar o que se passou em Castelo Branco, onde correu a falsa notícia de que cada galinha pagaria um escudo, dando isto motivo a que toda a gente começasse a vender estes animais ao desbarato ou os furtasse ao manifesto.

É muito possível que este facto se tivesse repetido noutros lugares, concorrendo assim para a baixa no número de manifestantes e no de galináceos e suínos.

Além disso, como atrás já dissemos, o regedor, nos meios populacionais de maior importância, perde o contacto com as pessoas da sua freguesia e o pároco evita aí, quanto possível, abordar assuntos profanos ou, pelo menos, que estejam fora da órbita da religiosidade, motivo por que aquela baixa se registou sobretudo nas cidades de Castelo Branco e Covilhã e nas mais populosas povoações, como o Tortozendo, Caria, Alcains, S. Vicente da Beira, etc.

É verdade que também no concelho de Castelo Branco muitas pessoas vivem nos *montes*, dispersos, isolados, longe das povoações e por vezes muito distantes das sedes das freguesias, outra razão para muitos indivíduos nessas condições não fazerem o manifesto por desconhecimento de tal obrigação.

Raro é o pastor daquele concelho e do de Idanha-a-Nova, que não tenha um pegulhal de 40 a 50 ovelhas e meia dúzia de galinhas e um porco, mas que vive isolado no monte, absolutamente alheio ao que se passa na sua aldeia.

Raro é também o ganhão que não tem quatro a seis galinhas, mas que as não manifestou pelos mesmos motivos.

Por sua vez a guerra, que traz toda a gente sobressaltada, deve ter igualmente contribuído para aquela diferença.

Mas não há dúvida que a repressão das galinhas e porcos vagabundarem pelas ruas de alguns povoados há-de ter contribuído de modo sensível para a redução numérica desses animais, portanto do respectivo número de possuidores, sobretudo nos aglomerados mais populosos, onde essa repressão é sempre maior.

As doenças contagiosas dos suínos devem ser também outro motivo de valor para a baixa verificada no número de declarantes.

Tomemos, portanto, como certa uma diminuição de galinhas e suínos em relação a 1934.

Embora os apuramentos o não confirmem, é de prever que o efectivo bovino haja diminuído um pouco, porque o preço aviltante a que este gado chegou em 1938 e 1939, deu azo a sacrificarem-se muitas centenas de vitelas, que hoje faltam para a procriação; é também verosímil que, pela mesma causa, nesse lapso de tempo se houvesse descurado tanto ou quanto a criação.

Do mesmo modo, os últimos anos agrícolas, que foram péssimos, concorreram, e não pouco, para entravar o desenvolvimento da animalicultura, se é que mesmo a não aviltaram, porque o pequeno proprietário, para ocorrer a compromissos que os escassos produtos agrícolas não podiam cobrir, viu-se obrigado a desfazer-se de parte do gado.

Tais, entre outros, os principais motivos que hão concorrido para as diferenças a menos no quantitativo de declarantes.

**Diferenças para mais** — Estas diferenças verificaram-se nos concelhos de Fundão, Sertã, Proença-a-Nova, Vila de Rei e Vila Velha de Ródão, onde o arrolamento decorreu por forma a ministrar elementos muito aproximados, com excepção da freguesia de Sernache do Bonjardim, onde alguns proprietários se devem ter furtado ao manifesto dos seus animais.

Êstes bons resultados foram devidos à acção das autoridades administrativas, dos párocos e também dos veterinários municipais nos dois primeiros concelhos. Contudo é de salientar que no concelho de Proença-a-Nova foi onde os trabalhos do arrolamento melhor decorreram.

## NÓTULA SÓBRE A ECOLOGIA PECUÁRIA

A área desta Intendência de Pecuária, ou seja a de todo o distrito de Castelo Branco, é constituída por três regiões distintas, quer na sua orografia, agrologia e climatologia, quer na distribuição e exploração armentosa.

Abrange ela onze concelhos e a sua superfície anda por 6.688,20 quilómetros quadrados com 308.925 habitantes, segundo o censo de 1940.

A Norte é separada do distrito da Guarda pela cordilheira da Estrêla, pela Malcata e S. Cornélio, e estende-se até ao Tejo, ocupando a parte mais montanhosa da bacia dêste rio, na qual se inclui a do Zêzere e o maciço de Castelo Branco.

A Ocidente linda com os distritos de Coimbra, Leiria e Santarém, dos quais o Zêzere a separa num bom trôço do seu curso.

Ao Sul passa o Tejo, que a extrema da Espanha e do Alentejo, mantendo ainda limites com os concelhos de Mação e Sardoal, pertencentes àquele último distrito.

A Leste é separada daquela nação pelo rio Erges, que serve de fronteira em quási todo o seu percurso até à confluência com o Tejo.

Esta extensa área, circundada por elevadas serranias, apenas recebe abertamente os ventos do Alentejo e só pelo sudoeste, e mal, os do mar, motivo por que é bastante sêca, excepto na parte entre as serras da Estrêla e da Gardunha, na chamada Cova da Beira, muito abundante de águas provenientes dêsses dois maciços.

Os cursos fluviais que a atravessam, tais o Aravil, o Ponsul, o Ocreza e o Zêzere, e os que a marginam, como o Erges e o Tejo, com exclusão dêste, quási se cam no pino do Verão, mas no tempo das chuvas tomam caudais impetuosíssimos.

O território do distrito de Castelo Branco é constituído por granitos e xistos.

Os granitos formam uma grande mancha que se estende do distrito da Guarda até Castelo Branco, e originam solos de cultura variada, onde vai bem o centeio, a batata, o milho, o feijão, muitas árvores de fruto e o castanheiro e o carvalho.

Os xistos e algumas quartzites, que formam o resto, talvez a maior extensão, onde aqui e acolá se intercala uma ou outra mancha granítica, dão solos de cultura geralmente trabalhosa e ingrata e pobres de cal e ácido fosfórico. São contudo as terras do trigo, da aveia, da cevada, da azinheira e do sobreiro e também do milho de sequeiro e do feijão frade.

Se alguns dêstes são bastante férteis, outros, como os dos concelhos da zona de sudoeste, são de cultura miserável; ou consentem apenas o mato e o pinheiro ou, nos vales profundos, as hortas, o milho e uma ou outra oliveira.

**Região de sueste** — Abrange tôda a bacia do Ponsul, tôda a do Aravil, a da margem direita do Erges, única que nos pertence, e parte da do Ocesa.

É a região da grande e média propriedade e da grande produção animal, onde se espalham numerosos rebanhos pelos campos infinitos.

Abundam os ovinos, os caprinos, os suínos e os bovinos, todos os quais vivem quasi exclusivamente em regimen manadio.

A área desta região abrange o concelho de Idanha-a-Nova, quasi todo o de Castelo Branco e parte dos de Penamacor, Fundão e Vila Velha de Ródão.

A população ovina desta parte do distrito, cujo efectivo deve andar por 224.000 cabeças, é formada por bordaleiros e churros, com uma leve predominância dos primeiros.

Os caprinos, pertencentes à raça charnequeira, na sua quasi totalidade, e à serrana, devem aqui atingir a cifra de 82.000 cabeças.

Região também de criação vacum, ao passo que nas outras é a recriação que predomina, os bovinos pertencem na quasi totalidade à sub-raça beiroa e raça mirandesa, andando o seu efectivo, embora apareça um ou outro salamanquino, avilês, caramuleiro e bravo, por 13.583 cabeças.

Também aqui se faz criação porcina, cuja população deve orçar por 30.100 cabeças pertencentes às raças alentejana e bisara. Os indivíduos daquela destinam-se quasi só aos montados, muito abundantes nesta região, sobretudo os de azinho (existem outros de sôbro e alguns de carvalho).

Os equídeos têm importância muito relativa, mas tudo indica que a criação mulateira há-de vir brevemente a ter aqui certo valimento por o gado muar estar a ser muito utilizado nos trabalhos agrícolas.

Predomina a cultura do trigo, mas tem também grande importância a do centeio e depois a da aveia, a da cevada, a do milho de sequeiro e a do feijão frade.

É a região mais sêca da Beira Baixa, de transição entre as Beiras e o Alentejo.

**Região de nordeste** — Compreendida entre as serras da Estrêla e da Gardunha e o maciço de Penamacor, abrange os concelhos de Belmonte e Covilhã e parte dos de Penamacor e Fundão e é relativamente fria e úmida, porque beneficia da influência climática daquelas duas serras, donde recebe abundantes águas.

Tôda assente na bacia do Zêzere, na qual se inclui a da ribeira da Meimosa, é a mais mimosa do distrito, pois penetra em longa extensão por entre aquêles dois maciços a famosa Cova da Beira, cuja fertilidade e beleza da paisagem rivalizam com o que há de melhor e de mais belo no País.

Região de cultura muito variada, produtora de centeio, de boa fruta, de batata, milho e feijão, onde vegeta exuberante o castanheiro e o pinheiro, aqui predomina a pequena e a média propriedade, motivo por que os rebanhos não atingem a importância nem comportam os efectivos dos da região anterior.

A criação ovina, caprina e suína prevalece sôbre as outras, como aliás succede em tôda a área desta Intendência de Pecuária.

Só na parte do concelho de Penamacor se faz criação bovina; no resto da região só se cria e engordam os célebres bois avidamente procurados nos mercados de Belmonte e do Fundão pela marchantaria de Lisboa, a carne dos quais esta cidade consome com o melhor agrado.



O efectivo bovino desta parte do distrito deve atingir 5.209 cabeças.

A população ovina, representada por cêrca de 64.271 indivíduos, é quasi tôda de churros; o bordaleiro encontra-se circunscrito a uma pequena área entre o Tortozendo, Unhais da Serra, Cebola e Barco.

Os caprinos, serranos e charnequeiros com pequena vantagem dos primeiros sobre os segundos, orçam por 41.113 indivíduos.

Os rebanhos, tanto de ovinos como de caprinos, são constituídos na sua maioria por efectivos que medeiam entre 20 e 250 cabeças.

A exploração suína de chiqueiro tem aqui certa importância, sobretudo nos arredores do Fundão, donde o mercado da Covilhã mais freqüentemente se abastece.

A população desta espécie, constituída quasi só pelo bísaro e seus cruzamentos, deve atingir 12.550 cabeças.

**Região de sudoeste** — A menos importante das três e de fraca densidade pecuária, predomina nela o mato e o pinheiro e os terrenos são fracos e ingratos.

Aqui e acolá, onde aflora o silúrico e o terciário lacustre, como em Sarzedas, Vila Velha de Ródão, Sobreira Formosa, Sertã e Vila de Rei, a propriedade é melhor, por vezes boa, como sucede na Sertã.

A área desta região compreende os concelhos de Oleiros, Sertã, Vila de Rei, uma pequena parte do de Vila Velha de Ródão e uma faixa dos do Fundão e Castelo Branco.

Os ovinos e caprinos têm aqui pouca importância, sobretudo os primeiros.

Os rebanhos, poucos e pequenos, mal vão além de 20 e 30 cabeças, quando não são de 5 a 15.

O efectivo ovino, constituído por bordaleiros, deve atingir apenas 31.731 indivíduos; os caprinos, totalmente da raça charnequeira, andam por 49.344 cabeças.

Faz-se aqui recria de gado bovino, tratado com todos os cuidados. Os bezeros são adquiridos para êste efeito nos mercados dos concelhos de Fundão e Belmonte, os que vêm do distrito da Guarda e de Trás-os-Montes, e nos dos de Castelo Branco e Idanha-a-Nova, os oriundos dêste distrito.

A população bovina anda por 3.354 indivíduos.

A criação suína de chiqueiro tem nesta região certa importância, pois raro é o casal que não possui um porco.

A população suína, cujo número deve andar por 13.184 cabeças, é constituída por bísaros, por mestiços dêstes com as raças inglesas e por porcos alentejanos.

## ESPÉCIES PECUÁRIAS

### EQUINOS

A população equina do distrito de Castelo Branco, além de pouco numerosa, é mal definida, embora aqui exista um razoável grupo de éguas, possível de conseguir à custa de alguns reprodutores de boa linhagem, que de há anos a esta parte o Estado vem destacando para êste distrito com certa regularidade.

O mapa seguinte, referente à distribuição do efectivo cabalino pelos vários

concelhos do distrito, mostra a importância relativa da espécie em todos êles e as variações do seu quantitativo no período decorrido entre os dois últimos arrolamentos.

CONCELHOS	EFFECTIVO		DIFERENÇAS	
	1934	1940	Para mais	Para menos
Distrito . . . . .	2.536	2.632	96	
Belmonte . . . . .	200	218	18	
Castelo Branco . . . . .	466	450		16
Covilhã . . . . .	516	521	5	
Fundão . . . . .	316	406	90	
Idanha-a-Nova . . . . .	553	554	1	
Oleiros . . . . .	26	35	9	
Penamacor . . . . .	211	201		10
Proença-a-Nova . . . . .	52	39		13
Sertã . . . . .	73	101	28	
Vila de Rei . . . . .	22	23	1	
Vila Velha de Ródão . . . . .	101	84		17

O cavalo luso-andaluz é o que mais predomina, e a sua corpulência, consoante a criação é feita, varia de região para região.

Além dêste tipo equino depara-se ainda o luso-castelhano, o luso-árabe, o luso-galaziano e alguns poucos mestiços das regiões de Aveiro e Coimbra.

À falta de denominação mais apropriada, excluindo os garranos ou galegos, que são poucos, damos nós o nome de cavalos beirões, ou mais acertadamente peninsulares, a tôda a população hípica mal definida.

Por vezes chegamos a ponto de não saber onde começa o luso-andaluz e onde acabam o castelhano e o luso-árabe, tal a confusão nesta barafunda da criação cavalari. Todavia cumpre acentuar que em Castelo Branco, Salvaterra do Extremo, Zebreira e arredores de Pedrógão existem boas éguas de ventre, na sua quasi totalidade luso-árabes, efeito sobretudo da acção dos postos hípicos situados na primeira e nas duas últimas localidades.

É, porém, bom não esquecer que o principal impulso para o fomento hípico neste distrito partiu da extinta coudelaria da Louza, nos arredores de Castelo Branco, que pertenceu a Manuel Vaz Prêto, uma das mais notáveis figuras da Beira Baixa no século passado.

Exposta assim a actual situação da equicultura no distrito de Castelo Branco, resta dizer que ela não é florescente e tende a decair dia a dia em benefício da produção mulateira.

Ainda não vai longe o tempo em que a criação do cavalo constituía ardente preocupação do proprietário, de tôda a gente e do próprio Estado, porque êste animal

tornava-se elemento indispensável por ser o mais veloz e elegante de todos os meios de transporte então utilizados. Hoje, com os motores a roncar por boas e más estradas, por caminhos velhos e através dos campos, por tôda a parte, enfim, o cavalo perdeu grande parte da sua utilidade.

O regímen e a exploração dêste gado varia consoante os concelhos. Assim, nos de Idanha-a-Nova e Castelo Branco é vulgar ver-se a égua, conjuntamente com a burra e o mulo, a pastar pelos vastos campos, podendo o seu regímen considerar-se semi-estabular; outro tanto não acontece nos restantes, onde é de regra a estabulação.

A alimentação é geralmente constituída por feno, palha de trigo e ração, em que entram mais vulgarmente a aveia, a cevada e o milho.

O cavalo é utilizado no serviço de sela e de carga a dorso; raramente nos trabalhos agrícolas. Também uma ou outra vez se vê a puxar à carroça, facto mais freqüentemente notório nos concelhos da Covilhã, Fundão e Castelo Branco.

## MUARES

Em virtude dêstes animais estarem a ser utilizados com certa freqüência nos trabalhos agrícolas, a produção mulateira vai tomando aqui foros de certa importância, sobretudo nos concelhos de Idanha-a-Nova e Castelo Branco, onde existem bons exemplares, uns oriundos do distrito, outros vindos do Alentejo.

Do presente mapa se verá a distribuição dêste gado pelos diferentes concelhos, sendo bom frisar que o efectivo está em constante aumento e que a diferença para mais em relação a 1934 é de 721 cabeças.

CONCELHOS	EFFECTIVO		DIFERENÇAS	
	1934	1940	Para mais	Para menos
<b>Distrito.</b> . . . . .	<b>2.889</b>	<b>3.610</b>	<b>721</b>	
Belmonte. . . . .	39	47	8	
Castelo Branco . . . . .	611	789	178	
Covilhã. . . . .	204	196		8
Fundão. . . . .	175	248	73	
Idanha-a-Nova . . . . .	1.116	1.364	248	
Oleiros. . . . .	38	36		2
Penamacor . . . . .	92	145	53	
Proença-a-Nova. . . . .	86	132	46	
Sertã. . . . .	239	278	39	
Vila de Rei . . . . .	115	184	69	
Vila Velha de Ródão . . . . .	174	191	17	

É freqüente naqueles dois concelhos ver-se a mula substituir o boi na cultura da terra e nos carretos.

Dada a sua rusticidade, são êstes animais muito apreciados e procurados, motivo por que hoje quasi tôda a gente manda lançar do contrário as suas éguas e jumentas.

Ágil e rústico, suportando bem tôdas as intempéries, como o calor e o frio, o mulo vai tomando caminho ao cavalo e ao boi; em dia de mercado na cidade de Castelo Branco é vê-lo, pelas estradas que conduzem à Zebreira, Salvaterra do Extremo e Segura, puxar naquela atitude inclinada que todos lhe conhecemos, longas caravanas de carros mouriscos ou alentejanos, carregados das mais heterogêneas coisas e mercadorias.

Mas nem só a cultura das terras e os carretos ocupam a actividade dêstes híbridos. Fazem muitos transportes a dorso e são também utilizados no serviço de sela, em que se mostram apreciáveis e seguros, sobretudo nos maus caminhos e nas veredas pedregosas, que o seu casco estreito firma melhor que o do cavalo, sempre mais largo.

O seu regime é mais ou menos idêntico ao do gado cavalariço, se bem que mais estabular, e a sua alimentação constituída pelas mesmas forragens ou com poucas variantes.

## ASININOS

Todos os animais desta espécie, com excepção dos importados de Espanha e do Alentejo, são de raça comum; existem também alguns mestiços, mas em pequeno número.

Como reprodutores, há bons exemplares importados, que se destinam exclusivamente à hibridação.

Êste gado é empregado em todos os serviços, desde a sela e carga a dorso à tracção de veículos e até mesmo de instrumentos de cultura das terras, emparelhando muitas vezes com o novillo e a muar, sobretudo nas regiões pobres onde predomina a pequena propriedade.

O burro é o inseparável companheiro do aldeão, do pastor e do moleiro, a quem presta relevantes serviços. Por isso merecia olhado com mais simpatia e tratado com mais carinho, porque assim o exigem as suas excelentes qualidades de trabalho.

Tôda a gente lhe reconhece valioso préstimo, mas poucos nutrem pelo burro alguma simpatia.

Suporta com paciência todos os maus tratos; teimoso é, mas também ativo e dócil quando vê em cima albarda mais garrida e de atafais sem remendos martirizantes, sinal de conduzir moça casadoira ou pessoa grada da aldeia.

A comer umas ervas pelos caminhos, pelas quelhas, um pouco de feno ou de palha à noite, assim o burro passa tôda a sua modestíssima vida debaixo de injúrias e de varapau.

O efectivo e distribuição desta espécie, constante do mapa seguinte, acusa no total uma diferença para mais, em relação a 1934, de 227 indivíduos.

CONCELHOS	EFFECTIVO		DIFERENÇAS	
	1934	1940	Para mais	Para menos
<b>Distrito</b> . . . . .	<b>14.857</b>	<b>15.084</b>	<b>227</b>	
Belmonte . . . . .	398	324		74
Castelo Branco . . . . .	3.068	3.167	99	
Covilhã . . . . .	1.386	1.227		159
Fundão . . . . .	1.712	1.831	119	
Idanha-a-Nova . . . . .	4.049	3.974		65
Oleiros . . . . .	77	77		
Penamacor . . . . .	1.861	1.820		41
Proença-a-Nova . . . . .	584	720	136	
Sertã . . . . .	456	523	67	
Vila de Rei . . . . .	338	418	80	
Vila Velha de Ródão . . . . .	928	1.003	75	

### BOVINOS

A população bovina dêste distrito é formada na sua grandíssima maioria por indivíduos da sub-raça beiroa; o resto constituem-na, segundo a sua importância, os de raça mirandesa, os caramuleiros, os salamanquinos, os avileses, os bravos, os turinos e um ou outro alentejano.

Do presente mapa se vê a sua distribuição pelos diversos concelhos e as correspondentes variações em relação ao anterior arrolamento:

CONCELHOS	EFFECTIVO		DIFERENÇAS	
	1934	1940	Para mais	Para menos
<b>Distrito</b> . . . . .	<b>22.106</b>	<b>22.338</b>	<b>232</b>	
Belmonte . . . . .	495	433		62
Castelo Branco . . . . .	4.225	4.310	85	
Covilhã . . . . .	1.800	1.557		243
Fundão . . . . .	2.426	2.833	407	
Idanha-a-Nova . . . . .	7.787	7.707		80
Oleiros . . . . .	711	655		56
Penamacor . . . . .	2.012	1.934		78
Proença-a-Nova . . . . .	878	909	31	
Sertã . . . . .	1.156	1.292	136	
Vila de Rei . . . . .	107	104		3
Vila Velha de Ródão . . . . .	509	604	95	

No distrito de Castelo Branco o gado bovino é explorado pela criação, pelo trabalho, pela carne e pelo estrume; pelo leite só os indivíduos das raças mais ou menos especializadas nesta produção.

A criação faz-se apenas nos concelhos de Idanha-a-Nova, Castelo Branco, Penamacor e um pouco no de Vila Velha de Ródão.

Nos restantes pode dizer-se que só há recriação de indivíduos masculinos, na sua maior parte adquiridos para êste fim nos mercados do Fundão e Belmonte, os procedentes do distrito da Guarda e de Trás-os-Montes, e nos da Lardosa, Sarzedas e concelho de Idanha-a-Nova, os oriundos dêste distrito.

Os bovinos beirões, que se encontram mais ou menos espalhados por todo o distrito, mas mais acentuadamente na zona de criação, são pela sua rija tẽmpera e sobriedade bastante apreciados como animais de trabalho.

Os mirandeses, que estão agora a infiltrar-se um pouco mais nesta região devido à acção da Intendência de Pecuária, tẽem sido objecto de especial atenção na casa do Snr. Marquês da Graciosa, que há anos se vem a dedicar à sua criação; o efectivo bovino dêste lavrador, que deve orçar por 300 cabeças ou mais, é hoje total ou quási totalmente formado por indivíduos de raça mirandesa.

Os indivíduos desta raça aparecem também com muita freqüência nos concelhos de Belmonte, Covilhã, Fundão, Oleiros, Sertã e Proença-a-Nova, ou seja a área de recria do gado bovino.

Os caramuleiros encontram-se sobretudo nos concelhos da bacia do Zêzere; nos restantes surge acidentalmente uma ou outra junta dêstes bois.

Os salmantinos, os avileses e os bravos limitam-se, pode dizer-se, ao concelho de Idanha-a-Nova, onde os Snrs. Manzarras e Marrocos se dedicam à criação de reses bravas; contudo, ao que julgamos, essa criação foi já abandonada definitivamente e, se ainda agora aparece um ou outro exemplar com características da raça brava, estamos certos de que são filhos de cruzamento com os beirões.

Os turinos limitam-se aos subúrbios dos aglomerados populacionais de maior importância, como Castelo Branco, Covilhã e Fundão.

Os poucos alentejanos que por aqui aparecem, encontram-se mais no concelho de Vila Velha de Ródão e no de Castelo Branco.

Nos concelhos onde se faz criação, o regímen é misto e pastoril. No de Idanha-a-Nova e em parte do de Castelo Branco só o gado de trabalho está sujeito ao primeiro, porque o outro vive em constante liberdade; naqueles onde se faz recria, é quási exclusivamente estabular.

O feno do prado natural entra como principal recurso na alimentação desta espécie pecuária, ao que se associa a palha de milho, de aveia e de cevada, por vezes reforçada com uma ração de grãos, farinhas ou bolota de azinho.

O alcacer e o milho verde são forragens a que muito se recorre para alimentação dos bovinos.

O gado vacum desta região, sobretudo na zona de criação, resente-se na quadra hibernal, em que os animais chegam por vezes a extrema magreza devido à penúria alimentar.

Como animais de talho gosam de boa fama os bovinos cevados nos concelhos de Belmonte, Fundão e Covilhã, avidamente procurados pelos marchantes de Lisboa, onde têm merecida reputação.

## OVINOS

A população arietina do distrito de Castelo Branco é constituída por churros e bordaleiros, pertencendo aos primeiros cêrca de 138.000 cabeças e aos segundos 182.000.

Pelo mapa seguinte se ajuizará da importância dêste gado em cada concelho e respectivas variações numéricas em relação ao arrolamento anterior:

CONCELHOS	EFFECTIVO		DIFERENÇAS	
	1934	1940	Para mais	Para menos
Distrito . . . . .	279.797	321.851	42.054	
Belmonte . . . . .	8.734	9.425	691	
Castelo Branco . . . . .	71.359	82.011	10.652	
Covilhã . . . . .	17.211	16.996		215
Fundão . . . . .	34.855	39.035	4.180	
Idanha-a-Nova . . . . .	96.849	112.092	15.243	
Oleiros . . . . .	5.384	6.548	1.164	
Penamacor . . . . .	19.449	22.895	3.446	
Proença-a-Nova . . . . .	3.953	5.498	1.545	
Sertã . . . . .	10.001	10.311	310	
Vila de Rei . . . . .	1.938	2.847	909	
Vila Velha de Ródão . . . . .	10.064	14.193	4.129	

Os bordaleiros estendem-se por tôda a área dos concelhos de Castelo Branco, Vila Velha de Ródão, Vila de Rei, Proença-a-Nova, Sertã e Oleiros e metade do de Idanha-a-Nova; há ainda no da Covilhã uma pequena mancha entre Tortozendo, Unhais da Serra, Cebola e Barco, onde êstes animais prevalecem sôbre os churros.

Tendem os bordaleiros a expandir-se pouco a pouco, ocupando já no concelho de Idanha-a-Nova, área do ovino por excelência, as freguesias do Rosmaninhal, Zebreira, Ladoeiro, Idanha-a-Nova, Oledo e S. Miguel de Acha, e não tardará muito tempo a embrenharem-se pelos do Fundão e Penamacor.

No limite norte da freguesia de Penha-Garcia, que confina com o segundo dos dois citados concelhos, uma sociedade agrícola ali existente tem já os seus rebanhos compostos exclusivamente de merinos e bordaleiros.

Grande número de rebanhos bordaleiros dos concelhos de Idanha-a-Nova e Castelo Branco sofreram a infiltração do merino, sobretudo os da freguesia do Rosmaninhal, para onde foram levados alguns carneiros espanhóis.

Este gado não é corpulento, porque os terrenos são pouco calcáreos, mas produzem boa lã, da melhor do País, que tem franco consumo nas inúmeras fábricas da Covilhã, Tortozendo e Cebolais.

A sua aptidão galactófora é de certo modo importante e uma das mais apreciadas na exploração da ovelha nas regiões de sueste e noroeste.

Com o leite desta fêmea, estreme ou misturado com o de cabra, se fabricam os afamados *queijo da Serra* e *queijo de Castelo Branco*.

A área dos churros vai do limite das freguesias do concelho de Idanha-a-Nova, que citámos, a todo o de Penamacor, Belmonte, Fundão e Covilhã, com excepção da mancha preenchida pelos bordaleiros, a que fizemos particular referência.

O churro das margens do Zêzere, muito semelhante ao *mondegueiro*, é mais corpulento e melhor produtor de leite que o da restante área, mas sem dúvida bem mais inferior de lã.

A lã churra, com exclusão da do gado do Zêzere, é de boa qualidade e por isso muito procurada pelos industriais de cobertores de papa da freguesia dos Trinta (Guarda) e outras aldeias próximas, para o fabrico de cobertores extra e de primeira qualidade e para preparar o fio com que se fazem os tapetes de Beiriz e outros.

O gado ovino dêste distrito, tanto o bordaleiro como o churro, é explorado simultaneamente pela criação e pela produção de lã, leite, carne e estrume.

Há cinco ou dez anos ainda as crias eram apartadas das mães por volta do mês de Março, mas hoje, porque se começa a queijar em Novembro, Dezembro, Janeiro e Fevereiro, conforme a região, fica o rebanho desde essa data dividido em dois — o *alavão* e o *de vazio* ou *alfeiro*.

O leite, depois de tirada a cria, é totalmente entregue ao fabrico de queijo, pelo que todo o proprietário de ovinos, com raríssimas excepções, possui uma *queijeira* cuja construção varia consoante a zona do distrito. Assim, no concelho de Idanha-a-Nova as *queijeiras* ou são térreas e construídas apenas de mato e colmo ou instaladas no *monte* nas casas dos respectivos proprietários ou rendeiros; no de Castelo Branco as rouparias encontram-se quasi sempre em casa própria, embora na sua maioria sem as condições higiénicas necessárias; nos de Belmonte, Covilhã, Fundão e Penamacor estão instaladas nas casas de habitação dos proprietários ou rendeiros, a não ser as dos grandes lavradores, que têm casas próprias.

Nos concelhos de Oleiros, Sertã, Vila de Rei e Proença-a-Nova a produção queijeira não tem importância alguma.

Foi hábito geral na Beira Baixa as ovelhas deixarem de ser ordenhadas no dia de S. Pedro, 29 de Junho. Hoje nem sempre já assim acontece; há rebanhos que continuam a ser ordenhados pelo mês de Julho fora.

Os terrenos daqui, na sua maioria pobres, não podem por isso dispensar, sem grande prejuízo do seu aproveitamento agrícola, a estrumação dêste gado, feita a *rabo de ovelha* pelo sistema de bardo.

São os ovinos explorados em regimen exclusivamente pastoril.

Os recursos alimentares estão quasi reduzidos às pastagens naturais, aos res-



tólhos das culturas cerealíferas e por vezes às *centeadas* antes do afilhamento do cereal.

Só muito excepcionalmente, quando o Inverno é demasiadamente rigoroso, alguns lavradores mandam fornecer aos seus rebanhos uma ração suplementar de feno.

É muito freqüente a mortalidade dos indivíduos desta espécie, especialmente no Inverno, por falta de alimentação e de abrigo.

Na quadra invernososa faz-se a transumância dos ovinos da Serra da Estrêla para os campos de Idanha-a-Nova.

## CAPRINOS

Os caprinos dêste distrito pertencem às raças charnequeira e da Serra da Estrêla, cabendo aproximadamente 134.344 cabeças à primeira e 38.113 à segunda.

Os charnequeiros povoam os concelhos de Idanha-a-Nova, Castelo Branco, Vila Velha de Ródão, Vila de Rei, Proença-a-Nova, Sertã, Oleiros e parte dos de Penamacor, Fundão e Covilhã.

Os serranos ocupam todo o concelho de Belmonte e o resto dos da Covilhã, Fundão e Penamacor.

O gado charnequeiro é sóbrio, de côr avermelhada ou clara, algumas vezes malhada, e de pêlo curto; o serrano, vulgarmente de côr mais carregada e de pêlo comprido, é mais exigente, motivo por que habita as regiões mais ricas de pastagens.

Aquêle é o animal dos terrenos ingratos, que vive em grandes fatos na região da grande propriedade, e também da pequena, como sucede nos concelhos do Poente, onde só prospera o mato e algum pinheiro, mas aqui em grupos que não vão além de 10 a 20 cabeças.

A cabra serrana é boa produtora de leite na zona do seu *habitat*; trazida para a charneca, em breve definha e baixa muito na produção láctea.

A cabra charnequeira agüenta-se bem em qualquer terreno e produz, em média, 7 decilitros de leite por dia.

Desta raça existem bons exemplares na freguesia do Rosmaninhal e, duma maneira geral, por tôda a área dos concelhos de Idanha-a-Nova e Castelo Branco, onde há indivíduos mais corpulentos que os serranos.

Os caprinos são explorados pela criação e produção do leite, pela carne e, acessoriamente, pelo estrume.

O leite ou é consumido em natureza ou aplicado, estreme ou misturado, no fabrico de queijo.

Fora raríssimas excepções, o gado caprino é explorado em regímen pastoril, tal como os ovinos.

Por virtude do alargamento da cultura cerealífera, que leva ao aumento constante da área de pastoria dos ovinos, além dos terrenos que as plantações de olivedos vão roubando constantemente, os caprinos tendem a diminuir de ano para ano, como se poderá averiguar do mapa a seguir:

CONCELHOS	EFFECTIVO		DIFERENÇAS	
	1934	1940	Para mais	Para menos
Distrito . . . . .	189.262	173.007		16.255
Belmonte. . . . .	1.252	1.161		91
Castelo Branco . . . . .	41.702	39.037		2.665
Covilhã. . . . .	36.815	24.194		12.621
Fundão. . . . .	18.278	8.556		9.722
Idanha-a-Nova . . . . .	25.320	24.158		1.162
Oleiros. . . . .	12.883	12.422		461
Penamacor . . . . .	16.387	17.201	816	
Proença-a-Nova. . . . .	11.442	10.821		621
Sertã. . . . .	9.143	9.063		80
Vila de Rei . . . . .	3.552	4.385	833	
Vila Velha de Ródão. . . . .	12.488	12.009		479

### SUÍNOS

A população suína dêste distrito é constituída por individuos das raças alentejana e bísara e por mestiços desta com as raças inglesas.

Do mapa que segue, se verá a importância do porco em cada concelho e as correspondentes variações numéricas em relação ao precedente inventário de gados:

CONCELHOS	EFFECTIVO		DIFERENÇAS	
	1934	1940	Para mais	Para menos
Distrito . . . . .	59.15	56.041		3.118
Belmonte. . . . .	1.618	1.227		391
Castelo Branco . . . . .	16.360	14.861		1.449
Covilhã. . . . .	6.334	5.349		985
Fundão. . . . .	5.828	6.552	724	
Idanha-a-Nova . . . . .	13.360	10.899		2.461
Oleiros. . . . .	2.280	1.998		282
Penamacor . . . . .	2.803	2.469		334
Proença-a-Nova. . . . .	2.540	3.193	653	
Sertã. . . . .	4.352	4.655	303	
Vila de Rei . . . . .	1.607	2.522	915	
Vila Velha de Ródão. . . . .	2.077	2.316	239	

Aqui a engorda dos suínos é feita por dois processos bem distintos: em regímen estabular ou *engorda à pia*, reservada para os bísaros ou porcos da Beira e seus produtos de cruzamento; em regímen manadio ou *engorda nos montados*, adoptada para os animais alentejanos.

A alimentação no primeiro processo são os restos da cozinha doméstica associados geralmente com farelos, farinhas, bagaço de azeitona, raízes, tubérculos, abóboras, etc., e, nos últimos meses da ceva, grãos de cereais e bolota ou lande.

Na ceva em montado a alimentação é exclusivamente a bolota da azinheira, do sobreiro e do carvalho, que os porcos se encarregam de procurar.

Com o hábito de fossarem, esta alimentação é reforçada com a ingestão de raízes tenras e alguns vermes, que os animais encontram nos terrenos mais úmidos.

Este processo de engorda, sobretudo quando há pouca bolota, é por vezes completado no último período com milho em grão ou farinado.

O bísaro e seus mestiços encontram-se disseminados por todo o distrito, mesmo onde predominam os montados, e portanto o alentejano, porque é sempre preferido a este na engorda à pia.

O alentejano constitui no entanto a maior massa porcina dos concelhos de Castelo Branco, Idanha-a-Nova e Vila Velha de Ródão, onde os montados se encontram por largas extensões.

A raça alentejana deve estar aqui representada por 22.000 cabeças, pertencendo as restantes, ou sejam 34.041, à bísara e produtos do seu cruzamento.

Não há necessidade de referências especiais a três ou quatro dezenas de indivíduos puros das raças inglesas e a quatro ou cinco centenas de porcos de raça espanhola ou *lampiños*, pequenos e rapados ou de pelagem preta, que possam existir nos nossos povoados fronteiriços.

O estrume dos suínos é de inferior qualidade.

Se a adubação é feita directamente sobre o terreno, como sucede na grande maioria dos casos em que o porco é explorado em regímen manadio, a fertilização é fraca. Já o mesmo não sucede quando o estrume é preparado nas curraladas, pocilgas e malhadas, onde se deita palha e mato para servir de cama aos animais; o seu valor, devido à presença dos vegetais, pisados e moídos pelos animais e decompostos pela acção do tempo e dos dejectos, que os impregnam, melhora consideravelmente e torna-o então proveitosamente utilizável em várias culturas, de preferência nos batatais.

## ANIMAIS DE CAPOEIRA

Só os galináceos atingem certa importância pela quantidade e não pelas raças especializadas que por ventura aqui existam.

Não há aqui explorações industriais das espécies de capoeira; tudo se faz na forma rudimentar do mais primitivismo caseiro, produzindo-se o bastante para consumo local e exportar pequenas quantidades.

Pelos mapas a seguir se verificará a importância dos animais de capoeira nos diversos concelhos e respectivas diferenças globais em relação ao arrolamento passado.

### Efectivo dos animais de capoeira

CONCELHOS	Galinhas	Patos	Perus	Pombos	Coelhos
<b>Distrito . . . . .</b>	<b>217.752</b>	<b>5.594</b>	<b>4.630</b>	<b>13.917</b>	<b>31.081</b>
Belmonte . . . . .	6.220	118	104	283	656
Castelo Branco . . . . .	47.666	1.182	1.108	4.171	5.286
Covilhã . . . . .	25.719	574	344	1.320	3.629
Fundão . . . . .	35.683	924	658	1.864	5.667
Idanha-a-Nova . . . . .	37.985	1.055	1.292	3.348	1.778
Oleiros . . . . .	7.263	129	82	153	1.553
Penamacor . . . . .	15.904	507	427	984	1.365
Proença-a-Nova . . . . .	10.071	340	223	243	1.243
Sertã . . . . .	14.620	523	224	642	6.887
Vila de Rei . . . . .	6.898	109	20	103	2.017
Vila Velha de Ródão . . . . .	9.723	133	148	806	1.000

### Diferenças globais em relação ao arrolamento de 1934

CONCELHOS	Animais manifestados		Diferenças	
	1934	1940	Para mais	Para menos
<b>Distrito . . . . .</b>	<b>282.217</b>	<b>272.974</b>		<b>9.243</b>
Belmonte . . . . .	8.731	7.381		1.350
Castelo Branco . . . . .	63.572	59.413		4.159
Covilhã . . . . .	40.600	31.586		9.014
Fundão . . . . .	41.808	44.796	2.988	
Idanha-a-Nova . . . . .	45.511	45.458		53
Oleiros . . . . .	9.890	9.180		710
Penamacor . . . . .	20.384	19.187		1.197
Proença-a-Nova . . . . .	11.301	12.120	819	
Sertã . . . . .	21.422	22.896	1.474	
Vila de Rei . . . . .	7.378	9.147	1.769	
Vila Velha de Ródão . . . . .	11.620	11.810	190	

As galinhas indígenas são rústicas e regulares poedeiras e com a sua alimentação pouco ou nenhum cuidado há; é frequentíssimo vaguearem pelas ruas das aldeias à procura do parco sustento, por vezes acrescido de algum milho, farelos, couves ou pouco mais.

Os patos e perus têm a mesma alimentação e é vulgar andarem também pela rua à procura do alimento.

Com a sustentação dos pombos não têm os donos qualquer preocupação; êles próprios se encarregam de a procurar, por vezes a respeitáveis distâncias do pombal.

Com os coelhos há um pouco de mais cuidado em virtude de não poderem sair à procura do alimento, que é constituído exclusivamente por couves, ervas várias e pouco mais.

## VALOR PECUNIÁRIO

Feitas as devidas considerações sôbre as diversas espécies pecuárias e animais de capoeira, vamos apreciar o seu valor comercial e o dos produtos fornecidos anualmente pelas primeiras, para melhor aferir a importância dos gados na vida económica dêste distrito.

Assim, posta esta advertência, vamos sintetizar no quadro seguinte o valor pecuniário de tôdas as espécies, consideradas em separado e no conjunto:

ESPÉCIES	EFECTIVOS (Cabeças naturais)	VALOR (Escudos)	
		Média por cabeça	Total
<b>Gados . . . . .</b>			<b>97.645.380</b>
Equinos . . . . .	2.632	1.500	3.948.000
Muares. . . . .	3.610	1.500	5.465.000
Asininos . . . . .	15.084	450	6.787.800
Bovinos. . . . .	22.338	1.400	31.273.200
Ovinos . . . . .	321.851	60	19.311.060
Caprinos . . . . .	173.007	65	11.245.455
Suínos . . . . .	56.041	350	19.614.865
<b>Animais de capoeira . . . . .</b>			<b>2.312.950</b>
Galinhas . . . . .	217.752	9	1.959.768
Patos. . . . .	5.594	14	78.316
Perus. . . . .	4.630	25	115.750
Pombos. . . . .	13.917	2,5	34.792
Coelhos. . . . .	31.081	4	124.324

Referir o valor dos efectivos animais sem apontar o dos produtos — carne, leite, lã, estrumes, trabalho, peles, etc. — seria trabalho incompleto, pelo que se torna necessário enfileirar ao lado do valor comercial o das diferentes produções anuais.

Para calcular estoutro valor, que não pode ser senão aproximado, recorreremos a todos os elementos que nos foi possível colher *in loco*, fora alguns que constam de publicações do professor Paula Nogueira, mas aqui devidamente adaptados a esta região.

## Carne

### Bovinos

2.048 adultos com 352.726 Kgs. $\times$ 6\$00 =	2.116.356\$00	
2.902 adolescentes com 135.832 Kgs. $\times$ 7\$00 =	950.824\$00	3.067.180\$00

### Ovinos e caprinos

83.865 adultos e adolescentes com 537.429 Kgs. $\times$ 4\$50 =		2.418.430\$50
---	--	---------------

### Suínos

25.288 cabeças com 1.929.991 Kgs. $\times$ 6\$00 =	11.579.946\$00	17.065.556\$50
--	----------------	----------------

## Leite

### Vacas (em lactação)

119 $\times$ 2.500 litros anuais = 297.500 Ls. $\times$ 1\$00 =		297.500\$00
---	--	-------------

### Ovelhas (em lactação)

219.278 $\times$ 25 litros anuais = 5.481.950 Ls. $\times$ 1\$20 =		6.578.340\$00
--	--	---------------

### Cabras (em lactação)

126.745 $\times$ 45 litros anuais = 5.703.525 Ls. $\times$ 1\$00 =	5.703.325\$00	12.579.165\$00
--	---------------	----------------

## Estrume

### Gado cavalari

2.632 cabeças $\times$ 5.000 Kgs. anuais = 13.160 Kgs. $\times$ \$05 =		658.000\$00
--	--	-------------

### Gado muar

3.610 cabeças $\times$ 4.500 Kgs. anuais = 16.245 Kgs. $\times$ \$05 =		812.250\$00
--	--	-------------

### Gado asinino

15.084 cabeças $\times$ 3.000 Kgs. anuais = 45.252.000 Kgs. $\times$ \$05 =		2.262.600\$00
---	--	---------------

### Gado bovino

22.338 cabeças $\times$ 7.000 Kgs. anuais = 156.366.000 Kgs. $\times$ \$05 =		7.818.300\$00
--	--	---------------

### Gado ovino

321.851 cabeças $\times$ 300 Kgs. anuais. = 96.550.300 Kgs. $\times$ \$05 =		4.827.765\$00
---	--	---------------

### Gado caprino

173.007 cabeças $\times$ 300 Kgs. anuais = 51.902.100 Kgs. $\times$ \$05 =		2.595.105\$00
--	--	---------------

### Gado suino

56.041 cabeças $\times$ 500 Kgs. anuais = 28.020.500 Kgs. $\times$ \$04 =	1.120.820\$00	20.094.840\$00
---	---------------	----------------

## Trabalho

### Gado cavalari (com 4 ou mais anos de idade)

1.583 animais  $\times$  200 dias de trabalho por ano = 316.600 dias  $\times$  10\$00 = 3.166.000\$00

### Gado muar (com 2 ou mais anos de idade)

3.148 animais  $\times$  200 dias de trabalho por ano = 629.200 dias  $\times$  10\$00 = 6.292.000\$00

### Gado asinino (com 2 ou mais anos de idade)

13.300 animais  $\times$  200 dias de trabalho por ano = 2.660.000 dias  $\times$  5\$00 = 13.300.000\$00

### Gado bovino (com mais de 18 meses de idade)

14.482 animais  $\times$  200 dias de trabalho por ano = 2.896.400 dias  $\times$  11\$00 = 31.860.400\$00 54.618.400\$00

## Lã

321.851 ovinos  $\times$  2 Kgs. = 643.702 Kgs.  $\times$  10\$00 = 6.437.020\$00

## Peles

### Bovinos

2.048 adultos a 100\$00 = 204.800\$00

2.092 adolescentes a 35\$00 = 72.220\$00

### Ovinos e caprinos

83.865 adultos e adolescentes a 5\$00 = 419.325\$00 696.345\$00

## Sebos e gorduras

### Bovinos

4.950 animais com 8 Kgs. = 39.600 Kgs.  $\times$  2\$00 = 79.200\$00

### Ovinos e caprinos

83.865 animais com 0,3 Kg. = 25.159,5 Kgs.  $\times$  2\$00 = 50.319\$00 129.519\$00

O valor aproximado dos produtos fornecidos anualmente pelos gados é portanto

Carne . . . . .	17.065.556\$50
Leite . . . . .	12.579.165\$00
Estrume. . . . .	20.094.840\$00
Trabalho . . . . .	54.618.400\$00
Lã . . . . .	6.437.020\$00
Peles. . . . .	696.345\$00
Sebo e gorduras <sup>1</sup> . . . . .	<u>129.519\$00</u>
<b>Total. . . . .</b>	<b>III.620.845\$50</b>

Excluídos os produtos dos animais de capoeira, que não foi possível avaliar por falta de elementos seguros, concluímos que os gados e seus produtos e os animais de capoeira atingem neste distrito o seguinte

1—Não incluídas as gorduras dos suínos por terem entrado no valor da carne desta espécie.

VALOR GLOBAL

**Gados**

Valor intrínseco . . . 97.644.865\$00  
Valor dos produtos . 111.620.845\$00 209.265.710\$00

**Animais de capoeira** . . . . . 2.312.950\$00

**Total geral.** . . . . . 211.578.660\$00

Intendência de Pecuária de Castelo Branco, 25 de Julho de 1941.

O Intendente de Pecuária,

Simplicio Barreto Magro